



27-10-2012

Tiragem: 27259

País: Portugal

Períod.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 14

Cores: Cor

Área: 17,35 x 29,91 cm<sup>2</sup>

Corte: 1 de 1



## CORPO DE DELITO

# Duas Marias, um buço e um par de seios

Parece evidente que a história não se repete e que Portugal evoluiu muito. E nem é preciso ser muito inteligente ou sabedor para o concluir



Rui Patrício

Há quem diga que em Portugal, mais coisa menos coisa, os problemas são sempre os mesmos e que pouco se evoluiu. Uns comparam o maná europeu com as especiarias da Índia ou com o ouro do Brasil, outros afirmam que os retratos que Oliveira Martins e Eça de Queiroz traçaram do Portugal de oitocentos se aplicam, sem tirar nem pôr – descontando as farpelas, os chapéus e um ou outro pince-nez –, ao país de hoje. Há também quem se atreva a dizer que, hoje como sempre, tantos esperam tudo do Estado e nada de si, e que, quando viajam (os que podem), ficam tão embasbacados com os arranhecês e os grandes espaços como com essas coisas estranhas e exóticas chamadas iniciativa privada e responsabilidade individual. E temos até alguns,

mais destemidos, que não vêem grande diferença entre as elites do passado e as de hoje, ambas fraquinhas e enfeitadas. Enfim, todos estes insistem em ter das coisas uma visão diacrónica, em pôr as coisas em perspectiva, em tirar lições da história e em ver para lá da espuma dos dias, dizendo, em suma, que a causa das coisas é mais estrutural que conjuntural e que tem principalmente que ver com o nosso modo de ser.

Ora parece evidente que nenhuns deles têm razão, e que as coisas não são assim. Parece evidente que a história não se repete e que Portugal evoluiu muito. E nem é preciso ser muito inteligente ou sabedor para o concluir, para afirmar que as coisas hoje são bem diferentes do que eram no passado e que as causas e as questões essenciais não são as mesmas, e não se repetem. Peguemos em dois exemplos, para ilustrar como evoluímos muito.

Pensemos, por exemplo, na tremenda crise financeira do final do século XIX. Muito diferente do que hoje acontece. O chefe de Estado da altura não tinha Facebook e não desabafava nele. El-Rei D. Carlos, quando muito, escrevia e ilustrava uns menus com pratos

de caça e, passando adiante, sofria com o estado da pátria. E o povo de então, que tinha também mágoas como hoje, sofria mais, porque não podia afogá-las na contemplação das maravilhas, dentro e fora do campo, da selecção nacional, coisa que então não havia e que, como é óbvio, faz toda a diferença como refrigério do povo. Uma coisa é sofrer e pronto. Outra é sofrer e poder apreciar o remate do ponta-de-lança ou as suas aventuras fora do estádio. Outro exemplo: no tempo dos Cabrais, quase a meio do século XIX, por causa dos impostos (entre outras coisas piores) estalou a revolta popular. E quem foi a heroína? Maria da Fonte, uma camponesa ou taberneira, talvez de buço, vestida dos pés à cabeça e munida de uma foice ou de uma machada. Hoje também estalou a revolta popular. E quem é a heroína? Também uma Maria, mas artista, sem buço, de busto à mostra e de mãos livres, meditativa. Num século e meio largámos a foice e a machada e meditamos, passámos de camponeses ou taberneiros a artistas, cortámos o buço e pusemos os seios à mostra. O que querem mais? Não é evolução suficiente?

*Advogado. Escreve ao sábado*



Portugal mudou muito. Maria da Fonte não virou Vénus de Ticiano, mas quase

D.R.